

nos ritos e culturas, abrange tudo e tudo conhece (Sb 1,7) e induz-nos a olhar sua ação, presente em todo tempo e lugar. Enfim, as relações da Igreja com as restantes religiões baseiam-se num duplo aspecto: respeito pelo homem na sua busca de resposta às questões mais profundas da vida, e respeito pela ação do Espírito Santo no mesmo homem (RM n.29).

Perpassamos desse modo as fontes afins do Magistério sobre o Espírito Santo e a ação evangelizadora da Igreja, a promoção humana e a inculturação. Encontramos um tesouro inestimável, o qual ao nosso ver não foi suficientemente contemplado em Santo Domingo, que tinha por linha mestra exatamente esta questão. Por isso afirmamos que houve empobrecimento do tema ou, ao menos, a não utilização das ricas fontes já existentes sobre o assunto.

### Conclusão

Nosso estudo sobre a pneumatologia no Documento de Santo Domingo constatou alguns elementos que agora queremos salientar, em forma de conclusão:

a) O eixo central das reflexões pneumatológicas é a eclesiologia, e nesta direção encontramos uma riqueza de dados.

b) Por outro lado, não foi suficientemente explorada toda a teologia do Espírito Santo em relação à inculturação, teologia esta já elaborada belamente nos documentos *Ad Gentes*, *Puebla*, *Redemptoris Missio* e outros.

c) Os documentos anteriores a Santo Domingo acentuaram a presença do Espírito nas culturas. Parece-me, salvo melhor juízo, que esta perspectiva não foi suficientemente refletida na pneumatologia da IVª Conferência dos Bispos latino-americanos.

d) É sintomática a advertência feita no Documento a respeito de um dado real em nossa Igreja: "Pregamos pouco acerca do Espírito Santo" (SD n.40). Como vimos em nossas reflexões, os teólogos também já haviam percebido este vazio em termos de pneumatologia.

*Endereço do autor:*

*ITESC - cx postal 5041*

*88040-970 FLORIANOPOLIS, SC*

## SANTO DOMINGO - A DIMENSÃO BÍBLICA

*Pe. Ney Brasil Perreira*

*Professor de Exegese*

É bom que o Documento final da IV conferência Geral do Episcopado Latino-Americano seja analisado dos mais diversos pontos de vista: pelos teólogos sistemáticos, pelos liturgistas, pastoralistas, biblistas etc, pois todos esses estudos contribuem para sua difusão, aprofundamento e, o que é mais importante, sua realização prática. É nesse sentido que me proponho a ler o Documento, bem como a Mensagem que o antecede, do ponto de vista do exegeta. Que tipo de leitura da Bíblia transparece no Documento? Como nossos Bispos buscaram na Bíblia a iluminação para nossa realidade de América Latina e Caribe, neste final de milênio e nesta efeméride dos 500 anos de evangelização, e tendo em vista a tríplice temática da Assembléia: "nova evangelização, promoção humana, cultura cristã"?

Depois de ler atentamente o Documento e fazer um levantamento das citações e alusões bíblicas nele encontradas, e levando em conta também as indicações do Índice Temático, que apresenta 4 indicações ou princípios sobre a leitura da Bíblia (nn.38,49, 108 e 135, mas cf também nn.33, 140, 143d e 294), proponho o seguinte esquema para o nosso estudo: 1) uma análise específica do lema inspirador da Assenbléia: "*Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*", de Hb 13,8; 2) um estudo dos 4, respectivamente 8 princípios sobre a leitura da Bíblia, já mencionados; 3) observações sobre as citações e alusões bíblicas que efetivamente encontramos no Documento. No final, algumas conclusões.

### 1. "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" Hb 13,8

Como cada texto deve ser analisado no seu contexto, é preciso situar esta afirmação de fé, realmente programática, no conjunto da obra da qual foi extraída. É sabido que a carta aos Hebreus, cujo autor desconhecemos, e cujo local e data de redação também são discutidos (Alexandria? Roma? <sup>(1)</sup>), é um dos escritos mais originais e mais bem elaborados do Novo Testamento. Antes homilia ou tratado teológico do que carta <sup>(2)</sup>, sua originalidade está em aprofundar a cristologia, especialmente o sentido da morte de Jesus, apresentando Jesus como o *Sumo*

*Sacerdote por excelência*, antes, o único Sacerdote digno desse nome, porque, "de uma vez por todas" (Hb 10,10), com o seu auto-sacrifício, reconciliou-nos com Deus. É este o grande tema de toda a "carta", desde o c.3 até o c.10, tema introduzido logo após o esplêndido prólogo que apresenta o Filho como a Palavra definitiva de Deus à humanidade (Hb 1,1-2) e, após o desenvolvimento que o descreve como Redentor glorificado e superior aos anjos, como irmão nosso e nosso "Sumo Sacerdote, misericordioso e fiel" (cf Hb 1,3-14; 2,5-17).

Voltando à nossa afirmação programática, encontramos-la no último capítulo da "carta", na parte exortativa que começa já na metade do c.10 e que, após o extraordinário capítulo sobre "a fé dos antigos" (Hb 11,1-40), insiste na perseverança necessária (Hb 12,1-13), na fidelidade à vocação cristã (Hb 12,14-29) e nas características da verdadeira comunidade (Hb 13,1-18).

---

### *Jesus é o Cristo (o Messias), ontem e hoje*

---

Nesse c.13, depois de fazer a memória dos líderes evangelizadores "que vos anunciaram a palavra de Deus" e dela deram testemunho, provavelmente pelo martírio (Hb 13,7), e imediatamente antes da exortação a "não se deixar desviar por doutrinas estranhas" (13,9), o autor proclama: "*Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje e pelos séculos*" (13,8). Ou, conforme a BJ e a TEB: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade". Na Bíblia da Ave Maria: "Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade". No Novo Testamento da Nueva Bíblia Española: "Jesús el Mesías es el mismo hoy que ayer e será el mismo siempre". De maneira semelhante a tradução de CHOURAQUI, A., que traduzo literalmente: "Jesus, o Messias, é o mesmo ontem e hoje e nas perenidades" <sup>(3)</sup>. Na Bíblia "Pastoral": "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo".

Isto é, as traduções modernas, praticamente todas, interpretam *ho autós* do original grego como predicado, e o traduzem como "o mesmo", tendência que notamos também na "Nova Vulgata", que modifica a pontuação e o teor da Vulgata Sixto-Clementina: em vez de "*Jesus Christus heri et hodie, ipse et in saecula*", lemos agora: "*Jesus Christus heri et hodie idem, et in saecula*", isto é: Jesus Cristo ontem e hoje (é) o mesmo, e (o será) para sempre<sup>(4)</sup>. Haveria, porém, como o observa SPICQ, C.<sup>(5)</sup>, a possibilidade de considerar *ho autós* não como predicado mas como sujeito, junto com *Iêsouês*, o predicado sendo *Christós*. Então, a tradução seria: "Jesus é o Cristo (o Messias), ontem e hoje, e ele (*ho autós*) o será para sempre!" Nessa tradução reforça-se a perenidade e imutabilidade do caráter messiânico de Jesus, explicitando-se e desdobrando-se a mais condensada fórmula cristológica que é a expressão "Jesus Cristo": cristão é aquele que reconhece, agora e para sempre, como o reconheceram os primeiros evangelizadores (cf v.7), e contra todo atrativo de "doutrinas estranhas" (v.9), reconhece que "Jesus é o Cristo", o Messias, o Ungido de Deus<sup>(6)</sup>.

Outra possibilidade, analisada por MICHEL, O.<sup>(7)</sup>, é a de considerar *ho autós* como predicado, mas com o sentido misterioso que encontramos, p.ex. no Sl 102,28: "Tu, porém, és *Aqueleque é* (no hebr. 'atah hu'<sup>(8)</sup>), referindo-se à eternidade divina daquele "que é", segundo Ex 3,14). Nesse caso, o autor de Hebreus quereria ressaltar a eternidade do Cristo: "Jesus, o Messias, é *Aqueleque é* - *ho autós* - ontem, hoje e pelos séculos". Mais adiante, o mesmo MICHEL descarta essa possibilidade - que a meu ver pode ser incluída na interpretação - afirmando que "o versículo não quer diretamente proclamar a divindade de Jesus mas a sua eternidade (sic) e a identidade da revelação" a seu respeito, professada pelos que o anunciaram. E conclui ressaltando: O Cristo histórico, Jesus, é o que permanece para sempre, como já fora afirmado em 7,25, onde se explica que essa eternidade é serviço: "Ele vive para sempre, para interceder por nós". Assim, em 13,8 se reafirma essa eternidade, ao mesmo tempo que se proclama a identidade - *ho autós*, "o mesmo" - da sua revelação<sup>(9)</sup>.

Como o observa CHAMPLIN, R.N.<sup>(10)</sup>, o autor de Hb insiste, neste v., em que "Cristo é o objeto estável da nossa fé, e deve fazer a nossa fé ser estável. Esta é a polêmica inerente às palavras do hagiógrafo, dirigidas àqueles que demonstravam a tendência de se afastarem do Cristo". Por isso também, continua CHAMPLIN, "não deve haver adições novas à verdade, e nem deve haver o retorno a caminhos antigos e insatisfatórios, como o cerimonialismo, a preocupação com alimentos e ritos, e os sacrifícios de animais. Cristo trouxe consigo uma mensagem superior e imutável, que elimina a necessidade de símbolos e sombras ultrapassados. Cristo jamais poderá ser ultrapassado, nem mesmo precisa ser suplementado".

### **Hb 13,8 - o lema inspirador da Assembléia de Santo Domingo**

Ainda CHAMPLIN, *ibid.*: "*Cristo era o mesmo ontem*: seu propósito e sua natureza estavam fixos. Ele planejou a redenção humana; ele é o 'autor' da nossa fé, e devemos olhar exclusivamente para ele (cf Hb 12,2). *Cristo é o mesmo hoje*, isto é, o objeto presente da nossa fé, como o poder transformador presente, o qual, através do Espírito Santo, vai formando em nós a si mesmo, à sua própria imagem (cf 2Cor 3,18). E *Cristo será o mesmo amanhã*: pois trouxe-nos a revelação final, a palavra definitiva de Deus (cf Hb 1,1-2)... Nele se acham todos os tesouros da sabedoria e da ciência (cf Cl 2,3). Portanto, não podemos esperar essas coisas de outro! Em Cristo temos a nossa

finalidade e perfeição. A imperfeição se encontra em nossa maneira de buscá-lo, de compreendê-lo, em nossa presente experiência: o valor final está em Cristo, que jamais poderá ser ultrapassado"<sup>(11)</sup>.

Em suma, a proclamação de Hb 13,8, tanto em si mesma como no contexto próximo do v. que a precede e do v. que a segue, e no grande contexto de toda a carta aos Hebreus, é realmente programática e iluminadora, merecendo ser, como o foi, o lema inspirador da Assembléia de Santo Domingo. E isto é tanto mais oportuno quanto mais fortes sopram os ventos contrários da "desevangelização" (sic) e do "macroecumenismo" (sic), que teriam sido as duas palavras-chave dominantes na assim dita "Assembléia do Povo de Deus" ocorrida em Quito, no Equador, de 14 a 18 de setembro de 92, imediatamente depois do 8º "Inter-ecclesial" das CEBs em Santa Maria, RS, de 8 a 12-9, e um mês antes da Conferência Episcopal de Santo Domingo<sup>(12)</sup>. Ora, falar em "desevangelização", mesmo admitindo a necessidade de uma "nova evangelização", não é equívoco? e o "macroecumenismo", como entendê-lo e praticá-lo, reconhecendo embora que "Deus não é exclusividade dos cristãos", mas sem renunciar ao mandato missionário, como o relembrou João Paulo II na "*Redemptoris Missio*"?

### **Mas é um Cristocentrismo inclusivo**

Na mesma linha dos "ventos contrários" à reafirmação do primado do Cristo parece estar também, entre outros, o livro de SWIDLER, L., "*Ieshuá, Jesus Histórico, Cristologia, Ecumenismo*", recentemente traduzido do inglês por Ed. Paulinas, SP, 1993, cujo capítulo final, segundo o próprio autor<sup>(13)</sup>, "tenta pôr um freio no presunçoso triunfalismo cristão (sic), que tradicionalmente vem fazendo reivindicações exclusivistas de que a vida de integridade, santidade e salvação somente é possível na trilha de Ieshuá, o Cristo"... Ora, essas "reivindicações exclusivistas" são precisamente a marca dos escritos do Novo Testamento, que sem elas nem teria surgido, muito menos, triunfado! E a essas "reivindicações exclusivistas" pertence, evidentemente, Hb 13,8: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e o será para sempre!"<sup>(14)</sup>.

Então, como entender esse cristocentrismo "exclusivista" que afirma a necessidade absoluta do Cristo, uma vez que "não há outro nome, debaixo dos céus, pelo qual possamos ser salvos" (cf At 4,12)? KONINGS, J., no seu pequeno mas valioso comentário ao 4º evangelho<sup>(15)</sup>, distingue entre "exclusivo" e "inclusivo". E propõe, a meu ver iluminadamente, que o Cristocentrismo do 4º evangelho e, paralelamente, o do NT, não é "exclusivo" nem "exclusivista", no sentido fanaticamente reivindicatório que o adjetivo poderia assumir e que, ao longo da história, de fato assumiu. Mas é um Cristocentrismo *inclusivo*, no sentido de que "tudo o que é verdadeiramente salvação para o homem, tudo o que dá ao ser humano a verdadeira liberdade, liberdade sobretudo de si mesmo, tudo isso - em qualquer cultura - se recapitula na mensagem de Jesus de modo exemplar e encontra confirmação na sua vida e no ato supremo da sua morte por amor. Por isso, os grandes sábios de todas as épocas e culturas estavam tão próximos do Cristo: Sócrates, Buda, Gandhi..."

Portanto, e retomando Hb 13,8, esta é a nossa missão de cristãos, na América Latina pluralista de hoje: continuar testemunhando, e não apenas verbalmente, mas com o nosso teor cristão de vida, mesmo no respeito às diversas culturas, que "Jesus, reconhecido como o Cristo, o Ungido, o Mestre, o Salvador, é o mesmo, ontem como hoje, e para sempre!"

### **2. Orientações para a leitura da Bíblia**

2.1 No cap. 1º da segunda parte do Documento, tratando da nova evangelização, no subtítulo 1.1, "a Igreja convocada à

santidade”, nossos Bispos afirmam, no n.33, que também a catequese está incluída no “ministério profético” da Igreja, e como tal ela “deve nutrir-se da Palavra de Deus, lida e interpretada e celebrada na comunidade. Trata-se, pois, da *leitura comunitária e eclesial da Bíblia*, como fonte da catequese, leitura caracterizada no n. 12 da *“Dei Verbum”* como “atenta ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, e levando em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé” (cf Rm 12,6b). Assim, iluminada pela Bíblia, devidamente interpretada pela Igreja, a catequese contribuirá para apresentar o mistério do Cristo “como boa nova nas situações históricas de nossos povos” (ainda SD n.33) <sup>(16)</sup>.

**2.2** No mesmo capítulo e subtítulo, no n.38, ao falar dos desafios pastorais ligados à vocação da Igreja à santidade, nossos Bispos constataam com alegria: “cresce o interesse pela Bíblia”. Mas isto provoca o desafio de “uma *pastoral bíblica adequada*, que dê aos fiéis leigos critérios para responder às insinuações de uma *interpretação fundamentalista* ou de um afastamento da vida na Igreja para refugiar-se nas seitas”. Como seria essa “pastoral bíblica”? O Documento não entra em detalhes, mas nossos Bispos certamente estão a par de tantas iniciativas por essa América Latina afora: círculos bíblicos, celebrações da Palavra, grupos de reflexão, iniciativas já antigas como as “semanas bíblicas”, o “mês da Bíblia”, entidades como a LEB, o CEBI, revistas bíblicas, cursos, introduções e comentários bíblicos e, não por último, novas versões do texto bíblico etc.

Essa “pastoral bíblica” deve ser “adequada”, recomendam os Bispos (não se diz como), proporcionando aos fiéis leigos “critérios” contra a “interpretação fundamentalista” e também contra o atrativo das “seitas”.

---

### **Que se entende por “interpretação fundamentalista” ou “fundamentalismo”?**

---

Ora, que se entende por “interpretação fundamentalista” ou “fundamentalismo”? É a interpretação literalista, feita à base de textos selecionados e lidos ideologicamente, isto é, parcialmente <sup>(17)</sup>, exatamente não levando em conta os critérios acima lembrados na *“Dei Verbum”* n.12: a atenção ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, a Tradição viva da Igreja e a “analogia da fé”. É fundamentalismo outrossim a leitura bíblica que não leva em conta os *gêneros literários*, mencionados também na *“Dei Verbum”* n.12, pois a verdade bíblica “é apresentada e expressa de maneiras diferentes nos textos que são de vários modos históricos ou proféticos ou poéticos, ou nos demais meios de expressão” <sup>(18)</sup>.

E qual seria o atrativo das “seitas”, que motiva “um afastamento da vida da Igreja” por parte dos fiéis leigos, levando-os a se “refugiarem” nelas? Creio que o atrativo é múltiplo: o fervor missionário, a abordagem personalizada, os grupos menores, o entusiasmo e a devoção pela Palavra, mesmo se lida fundamentalisticamente (cf, no Documento, o n.140)... Remédio? Aprender, de nossos irmãos crentes, e praticar, tudo aquilo que nessas características é bom, como aliás já recomendava Paulo aos cristãos de Tessalônica: “Examinai tudo e retende o que é bom” (1Ts 5,21).

**2.3** Ainda no cap.1º da segunda parte do Documento, no n.49, entre as “linhas pastorais” propostas, insistem nossos Bispos na “catequese querigmática e missionária” como base da nova evangelização. Para tanto, “para a vitalidade da comunidade eclesial”, requerem-se mais catequistas e agentes pastorais *dotados de sólido conhecimento da Bíblia*, que os capacite para *lê-la à luz da Tradição e do Magistério da Igreja* e os capacite para

iluminar, a partir da Palavra de Deus, sua própria realidade pessoal, comunitária e social”.

Aí está um desafio que exigirá esforço constante, a vida toda, por parte não só dos catequistas e agentes pastorais leigos, mas por parte também do Clero e dos(as) religiosos(as): um “sólido conhecimento” da Bíblia, seu manuseio constante, esclarecido e fervoroso, que os capacite em primeiro lugar a “*lê-la à luz da Tradição e do Magistério da Igreja*”, única salvaguarda contra os desvios de uma leitura subjetiva de pessoas ou grupos, mesmo se bem intencionados, que se desvinculassem da Tradição e do Magistério. Tais pessoas ou grupos não estariam sendo fiéis à sua identidade católica, mesmo se o fizessem por uma pretensa razão ecumênica. Pois um dos princípios do são ecumenismo é justamente o respeito pela identidade das tradições eclesiais das várias igrejas. Ora, não se concebe identidade católica sem a explícita referência, exatamente na leitura da Bíblia, à Tradição e ao Magistério (cf ainda *“Dei Verbum”* nn.10, 12, 23 e 24).

---

### **O episódio dos discípulos de Emaús como “um modelo da nova evangelização”**

---

Segundo objetivo desse “sólido conhecimento da Bíblia” é “*iluminar*, à luz da Palavra de Deus, sua própria realidade pessoal, comunitária e social”. Este é exatamente o processo adotado pelo próprio Cristo ressuscitado, ao “iluminar”, com a Palavra de Deus “em Moisés e nos Profetas”, a triste realidade dos desesperançados discípulos de Emaús (cf Lc 24,13-35), naquele encontro que Carlos MESTERS costuma chamar de modelo dos nossos “círculos bíblicos” <sup>(19)</sup>: é a Bíblia iluminando a vida, a realidade, e a realidade deixando-se iluminar pela Bíblia. A propósito, a *Mensagem da IVª Conferência aos povos da América Latina e do Caribe*, que acompanha o Documento final de Santo Domingo, significativamente apresenta o *episódio dos discípulos de Emaús* como “um modelo da nova evangelização”. E explicitamente o demonstra, chamando a atenção para Jesus que “vai ao encontro da humanidade que caminha” (e cita Lc 24,13-17); Jesus que “compartilha o caminho dos seres humanos” (cf Lc 24,17-24); Jesus que “ilumina com as Escrituras o caminho da humanidade” (cf Lc 24,25-27); Jesus que “se dá a conhecer no partir do pão” (cf Lc 24,28-32); Jesus que “é anunciado pelos discípulos renovados em sua fé” (cf Lc 24,33-35).

**2.4** No n.108, ainda no já citado cap. 1º, no subtítulo 1.3, “na unidade do Espírito, com diversidade de ministérios e carismas”, ao falar dos compromissos pastorais em relação à *mulher na Igreja*, tema tratado ao longo dos nn.104-110, o Documento apresenta como um “compromisso pastoral”: “Ao ler as Escrituras, anunciar com força o que o Evangelho significa para a mulher e desenvolver uma *leitura da Palavra de Deus* que descubra os traços que a vocação feminina confere ao plano da salvação”. É compromisso também, no mesmo n.108, “discernir, à luz do Evangelho de Jesus, os movimentos que lutam pela mulher, partindo de perspectivas distintas, para potenciar seus valores, iluminar o que pode parecer confuso e denunciar o que resulta contrário à dignidade humana”...

Sem fazer desses textos a “leitura feminista” que, como homem, não posso fazer <sup>(20)</sup>, quero apenas ressaltar, neste artigo, o fato de que o Documento, se reconhece que é preciso “desenvolver uma leitura da Palavra de Deus que descubra os traços da vocação feminina...”, então confessa que essa “leitura” não tem sido feita, ou tem sido ainda medrosa, e que a Bíblia pode ter contribuído, como de fato contribuiu, para a manutenção do status quo da subvalorização da mulher, na sociedade e na própria

Igreja<sup>(21)</sup>. Por outro lado, quanto aos movimentos feministas, os Bispos propõem discerni-los “à luz do Evangelho”, potenciando seus valores mas também, se for o caso, questionando-os.

---

## **Ecumenismo – verdadeira “prioridade na pastoral da Igreja do nosso tempo”**

---

2.5 No n.135, cap. 1º, subtítulo 1.4, “para anunciar o Reino a todos os povos”, o Documento enumera as “linhas pastorais” do ecumenismo na América Latina, entre as quais propõe “o estudo da Bíblia”, a ser estimulado entre “teólogos e estudiosos da Igreja e das denominações cristãs”. Aqui, duas observações: 1) a formulação do objetivo seria mais ecumênica se tivesse acrescentado o adjetivo “católica”, para não dar a impressão de que só a Igreja católica se considera “Igreja”, as outras Igrejas não passando de “denominações”; 2) no decreto conciliar “*Unitatis Redintegratio*”, sobre o Ecumenismo, encontramos abundantes elementos para essa verdadeira “prioridade na pastoral da Igreja do nosso tempo” (João Paulo II, cit. em SD n.135), e entre esses elementos o Vaticano II aborda justamente “o estudo da Sagrada Escritura” (UR n.21), que Santo Domingo propõe seja estimulado. Lá, no documento conciliar, alerta-se para o fato de que é diferente, entre nós e os “irmãos separados”, a abordagem da Bíblia. Na questão da relação entre as Escrituras e a Igreja, nossa fé católica reconhece um lugar peculiar ao Magistério, como o explica meridianamente a “*Dei Verbum*” n.10. Com essa necessária ressalva, é claro que o estudo conjunto da Bíblia, se prosseguido com boa vontade, sinceridade e humildade, não deixará de produzir frutos esplêndidos de unidade<sup>(22)</sup>.

2.6 No n.140, abordando as “seitas fundamentalistas”, o Documento de Santo Domingo as descreve como tendo por “única base de fé a Sagrada Escritura”, “interpretada de modo pessoal e fundamentalista, com exclusão da Igreja”, por Igreja entendendo-se a Igreja católica e mesmo outras Igrejas históricas. Fala-se também da “grande difusão de Bíblias”, promovida por essas “seitas”, e de suas “reuniões de oração com um culto participativo e emotivo, baseado na Bíblia”. Já comentamos, acima, no n. 2.2, o que entender por “fundamentalismo” e “interpretação fundamentalista”, e qual o papel da Igreja, especialmente, do Magistério, na leitura católica da Bíblia. Quanto ao “culto participativo e emotivo, baseado na Bíblia”, a Renovação Carismática Católica tem procurado desenvolvê-lo também em nossa Igreja, naquilo que ele tem de legítimo e bom, atenta a “não extinguir o Espírito” (cf 1Ts 5,19). A propósito, embora o fenômeno tenha crescido, Santo Domingo silencia sobre a Renovação Carismática, ao passo que Puebla a contemplou com o belo parágrafo 207.

2.7 No n.143, ainda tratando das “seitas fundamentalistas” e do desafio pastoral que representam, Santo Domingo elenca 4 aspectos “característicos” da identidade da Igreja, a Igreja católica, entre os quais, em 4º lugar, “a devoção à Palavra de Deus lida na Igreja”. Oxalá essa característica se torne cada vez mais significativa, como o são, para a identidade católica, as três primeiras: a Eucaristia, Nossa Senhora, o Papa. Essa “devoção à Palavra de Deus lida na Igreja” é a prática da leitura não só individual, mas também eclesial, da Bíblia, como já foi indicado no n.33, que comentamos acima (cf 2.1).

2.8 Por último, na terceira parte do Documento, entre as “linhas pastorais prioritárias”, no subtítulo 1. “Uma nova evangelização dos nossos povos”, n.294, nossos Bispos nos incitam a “um decidido empenho pela contínua educação da fé, por meio da catequese, que tem seu fundamento na Palavra de Deus e

no Magistério da Igreja, e permite aos católicos dar razão da sua esperança (cf 1Pd 3,15) em toda ocasião e em face das seitas e dos novos movimentos religiosos”. Isto é, retomam-se, no final do Documento, e naturalmente em forma sintética, vários elementos já afirmados em relação à leitura da Bíblia, elementos esparsos nas 7 passagens que vimos comentando.

### **3. Observações gerais sobre o emprego da Bíblia em SD**

3.1 Tive a curiosidade de checar a estatística que aparece em FELLER, V.G., no seu artigo sobre a Promoção Humana no Documento de Santo Domingo<sup>(23)</sup>, na qual ele constata que o Documento daria mais relevo à Palavra do Papa, citado 168 vezes (sic), do que à palavra de Deus, uma vez que o Novo Testamento estaria sendo citado apenas 98 vezes, e o Antigo, tão somente 7 vezes... Acontece que, pela minha conta, e sem incluir as muitas citações implícitas (p.ex., só no n.121 são claríssimas as citações, embora não apareça a referência, de Jo 14,6, Fl 2,6-11, Hb 2,17 e 4,15 e, ainda Jo 15,1-8!), Santo Domingo tem 162 citações do Novo Testamento além de 10 do Antigo, as 172 citações da Bíblia ultrapassando portanto as 162 citações do Papa! Isto sem esquecer que muitas das citações do Papa contêm, como era de esperar, citações da Bíblia, como já se comprova nas duas primeiras citações papais, já no n.2 do Documento. Quer dizer, embora Santo Domingo dependa muito também da palavra do Papa, é injusto dizer que dê um acento maior à palavra do Papa que à palavra de Deus.

---

### **Santo Domingo tem 162 citações do Novo Testamento além de 10 do Antigo**

---

3.2 A maneira de utilizar-se da Bíblia em Santo Domingo é a normal nos documentos eclesiais: cita-se um texto para confirmar a tese que se quer propor, ou para fundamentá-la, sem haver a preocupação de explicar o texto aduzido, que muitas vezes é citado apenas parcialmente. Assim, são raras as citações por extenso, a mais longa sendo a da carta de Tiago 2,14-17.26, sobre a necessidade das obras para a fé, no n.160, no cap. 2º da segunda parte, sobre a promoção humana. Outra citação por extenso é a de Ef 1,3-5, logo no início do Documento, no n.3, sobre a nossa predestinação em Cristo desde toda a eternidade. Também é citado por extenso o texto da 1Jo 1,3, sobre a comunhão que resulta da evangelização, no 5º subtítulo do 3º capítulo da segunda parte, sobre comunicação social e cultura, n.279.

3.3 Surpreende e alegra a maneira como é apresentado o episódio dos discípulos de Emaús, na *Mensagem da IVª Conferência aos povos da América Latina e do Caribe*, nn. 13-27, como já observamos acima, em 2.3. Surpreende, porque aí temos toda uma longa passagem, de mais de 20 versículos, que é explicada e aplicada à nossa situação de América Latina, explicitamente propondo o método *ver-julgar-agir* (partindo da realidade, como Jesus o fez junto aos dois discípulos!), embora, na própria Assembléia e no Documento, se tenha seguido o método inverso: *iluminar-ver-agir*.

E alegra, porque aí temos confirmada a prática de tantos grupos de reflexão e círculos bíblicos que vêm há tempo reunindo-se para partilhar suas angústias e problemas, iluminando-os com a Palavra de Deus e buscando forças para transformar a realidade na perspectiva do Reino. Alegra também, na mesma *Mensagem*, nn. 7-9, a citação e aplicação da famosa passagem de Ex 3,7-8, o texto germinal da Teologia da Libertação: “*Eu*

vi a miséria do meu povo... ouvi o seu clamor... conheço a sua dor... Estou decidido a conduzi-lo a uma terra fértil e espaçosa<sup>(24)</sup>.

3.4 Quanto às citações do Antigo Testamento, elas são, de fato, relativamente poucas. Das cerca de 10 citações explícitas, no Documento, mais da metade são extraídas de Gn 1 e Gn 2, isto é, do relato tanto sacerdotal como javista da criação, quase nada sendo citado dos Profetas. No n.169, na alusão à presença do Espírito "que, desde o início, pairava sobre tudo o que foi criado", a citação deveria ser de Gn 1,2 e não Gn 1-2. No n.212, ao falar do homem e da mulher como "imagem e semelhança de Deus", a citação está equivocada: deveria ser Gn 1,27 e não Gn 2,16.

No n.9, a referência ao homem "criado bom" e que "ao pecar, caiu em inimizade" com Deus, o próximo e a natureza, não se cita mas, evidentemente, se alude a Gn 1-2 (a criação, P e J) e Gn 3-4 (o pecado, J). Nessa mesma passagem do Documento poderia ter sido lembrado o breve mas denso oráculo que abre a segunda parte do livro de Oséias: Os 4,1-3, onde o profeta denuncia uma situação de verdadeiro "desastre ecológico" como resultado do pecado, do rompimento da Aliança. Por outro lado, no n.37, a citação de Os 2,16-17 ("levá-la-ei ao deserto..."), depois das citações de Am 3,8 e Jr 20,7-9, sobre a atração irresistível que Deus exerce do profeta, não parece bem escolhida.

### **Poderia muito bem ter sido complementada com a explosiva passagem de Lv 25,23**

No n.171, ao falar da terra como "dom de Deus", a "afirmação de fé" do Sl 24,1 poderia muito bem ter sido complementada com a explosiva passagem de Lv 25,23: "A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra é minha, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes..."

Por fim, no n.173, quando o Documento afirma que "a Sagrada Escritura considera a terra e os elementos da natureza antes de tudo como aliados do povo de Deus e instrumentos da nossa salvação", bem que poderia ter citado o livro da Sabedoria, onde várias vezes volta esse tema, p.ex. em Sb 16,17: "...o universo combate pelos justos"; Sb 16,24: "...a criação ... inflama-se para castigar os injustos e abrandar-se para beneficiar os que confiam em ti" (cf também Sb 19,6-8 e 18-21).

3.5 As citações do Novo Testamento, como não podia deixar de ser, são numerosas, 87 sendo dos quatro evangelhos (29 de João, 25 de Mateus, 18 de Lucas e 15 de Marcos), 47 sendo das cartas de Paulo, 10 das cartas de Pedro, 7 dos Atos dos Apóstolos, 6 do Apocalipse, 3 da 1ª João e 2 (duas) de Tiago, ao todo 162 citações. Falo sempre das citações e referências explícitas, sendo difícil de controlar as implícitas.

Numericamente, a passagem mais citada foi a de Lc 4,18 ("O Espírito do Senhor está sobre mim...") Cf Is 61,1), às vezes com os versículos anteriores ou posteriores, nos nn. 4, 85, 125 e 178, mais ainda que a passagem de Hb 13,8, que foi o lema inspirador da Conferência e do Documento, e que aparece explicitamente três vezes (nos nn. 1,287 e 302).

Também Mt 25,31-46 (o Juízo Final e a identificação do Senhor com os sofrendores), ocorre três vezes, nos nn. 33, 159 e 178, e da mesma forma Mt 20,28 (o Filho do Homem que veio não para ser servido mas para servir... cf texto paralelo em Mc 10,45), três vezes, nos nn. 66, 70 e 76.

Também Mc 1,15 (o anúncio da iminência do Reino, na pregação inicial de Jesus) é citado três vezes, nos nn. 4, 5 e 32, e da mesma forma 1Pd 3,15 ("dar as razões da esperança"), nos nn. 74, 287 e 294 (aí, não explicitamente). Quanto a Jo 14,6

("Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida"), explicitamente é citado só uma vez, no n.13, embora de fato ocorra mais três vezes: no n.111 (onde a citação está errada, aparecendo Jo 14,5 em vez de 14,6) e nos nn. 121 e 228, implicitamente.

### **A convocação que "o Senhor Jesus" nos faz "a uma vida santa"**

3.6 Ainda quanto às citações do Novo Testamento, algumas precisaciones: 1) no n.4, está equivocada a citação de Lc 1,15 para comprovar a unção do Espírito Santo em Jesus, devendo ler-se aí Lc 4,18; 2) no n.5, para comprovar a "ruptura com toda forma de egoísmo" etc aduz-se Mt 7,21 e Jo 14,15, que se referem antes à exigência da coerência entre a profissão de fé e de amor e o agir; 3) no n.15, ao se evocar o exemplo de Maria, cita-se todo o episódio de Caná, em Jo 2,1-12, quando seria mais expressivo citar somente Jo 2,3-5; 4) no n.31, a convocação que "o Senhor Jesus" nos faz "a uma vida santa" é confirmado com a citação de Ef 1,2, quando deveria ser Ef 1,4 ou, melhor, Mt 5,48: "Sede perfeitos, como o Pai é perfeito..."; 5) no n.32, a referência à 1Cor deve ser 3,16 e 6,19 e não 6-19; 6) no n.204, a citação de Mc 14,36 não comprova o que o texto propõe sobre a fraternidade de todos em relação ao mesmo Pai, sendo melhores os textos de Mt 23,8-9 e 5,44-48; 7) no n.243, a referência à passagem de Hebreus que fala na "exceção do pecado", em Cristo, é Hb 4,15 e não 4,14; aliás, no n.228 ocorre a mesma referência, embora implícita, como implícita fica, nesse mesmo n.228, a citação de Jo 1,14; 8) enfim, no n. 287, para comprovar a promessa de vida eterna, cita-se Jo 6,54, quando seria melhor Jo 3,36: "quem crê no Filho tem a vida eterna".

### **Conclusão**

Como não podia deixar de ser, é rica a dimensão bíblica do Documento de Santo Domingo, marcadamente cristo- e eclesiocêntrico, a partir de seu lema inspirador, Hb 13,8. Sugestivas também suas orientações para a leitura da Bíblia, o seu reconhecimento de que a Bíblia "lida e interpretada na Igreja e celebrada na comunidade", deve alimentar a catequese (n.33). Recomenda também uma "pastoral bíblica adequada", que dê aos fiéis leigos "critérios" contra a leitura fundamentalista e as seitas (n.38), e pede um "sólido conhecimento da Bíblia", lida "à luz da Tradição e do Magistério" e capaz de "iluminar a realidade" (n.49).

Reconhecem, outrossim, nossos Bispos, a necessidade de uma leitura bíblica que explicita o valor próprio da mulher, na sociedade e na Igreja (cf n.108), e estimulam o estudo da Bíblia em âmbito ecumênico (cf n.135). Por fim, entre as "linhas pastorais prioritárias", o Documento incita a uma "contínua educação da fé por meio da catequese", fundamentada esta "na Palavra de Deus e no Magistério da Igreja".

### **Não diz tudo aquilo que esperaríamos que dissesse**

Entre essas orientações resulta clara a característica *comunitária e eclesial* da leitura da Bíblia, recomendada pelo Documento, característica que implica a relação com a Tradição e o Magistério, ficando na sombra outras características que estes ou aqueles costumam acentuar, p.ex.: a leitura *popular*, das comunidades dos pobres, dos simples, "aos quais o Pai se revela" (cf Mt 11,25); a leitura *sociológica*, atenta à situação social das pessoas e grupos envolvidos no texto; a leitura *militante*, preocupada com a transformação da realidade, como disse acima, "na perspectiva do Reino"; a leitura *orante*, insistindo na atitude de

fé com que se invoca o Espírito que inspirou a Bíblia e continua assistindo a Igreja, conduzindo-a "à plenitude da Verdade" (cf Jo 16,13) (25).

Apesar de sabermos que um texto, ainda mais quando cercado de tanta expectativa como o da IVª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, não diz tudo aquilo que esperaríamos que dissesse, apesar disso gostaríamos que tivessem sido contempladas também essas várias "leituras". Gostaríamos ainda que o Documento se tivesse inspirado um pouco mais no Antigo Testamento, p.ex. nos Profetas e no Êxodo... Mas nos alegamos com a expressiva citação do texto fundante da Teologia da Libertação, Ex 3,7-8, na *Mensagem* que acompanha o Documento (*Mensagem*, n.7), onde também encontramos a pormenorizada evocação do episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,23-35), apresentado como um "modelo da nova evangelização" (*Mensagem*, n.13). E assim ficamos confirmados na certeza de que a palavra de Deus, "feita livro" na Bíblia e "feita carne" (Jo 1,14) na pessoa de Jesus, "ontem, hoje e sempre" o Cristo de nossa fé (Hb 13,8), é verdadeiramente "a luz do nosso caminho" (Sl 119,106), também aqui na América Latina, ele próprio, o Cristo-Palavra, tendo-se tornado para nós "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6).

## NOTAS

(1) Ver as sucintas indicações da *Bíblia de Jerusalém*, que propõem, com reservas, Apolo (cf At 18,24-28) como autor, Roma como local (cf Hb 13,24: "os da Itália vos saúdam") e o período imediatamente anterior à destruição de Jerusalém no ano 70 como o tempo da redação, pois a ruína do Templo teria sido um argumento decisivo para a tese do caráter provisório do culto mosaico.

(2) Notar, no final, o bilhete do encaminhamento do escrito, bilhete redigido em 1ª pessoa (13,22-25, mas cf já o v.19, também na 1ª pessoa, antes da conclusão e doxologia dos vv.20-21), dando ao conjunto a aparência de "carta".

(3) Cf *LA BIBLE, traduite et commentée par André CHOURAQUI*, Desclée de Brouwer, 1989

(4) Em grego: *Iêsoûs Cristos echêtês kai sêmeron ho autós, kai eis toûs aiônas*

(5) SPICQ, C., "*L'épître aux Hébreux*", vol. II, Paris, Gabalda (Études Bibliques), 1953, p.423

(6) Assim também CHAMPLIN, R.N., in "*O Novo Testamento comentado versículo por versículo*", vol. V, Distribuidora MILENIUM, SP, 1982 (3ª ed.), p.660, n.7

(7) MICHEL, O., "*Der Brief and die Hebräer*", Göttingen, Vandenhoeck u.Ruprecht, 1966 (KEKNT), p.491

(8) Cf a expressão '*anî hu'*' em Is 41,4; 43,10; 46,4; 48,12 e seus reflexos no EU SOU joanino, especialmente em Jo 8,24.28.52

(9) Cf MICHEL, O., *ibid.*, p. 493

(10) Cit. na Nota 6, supra: ver *ibid.*, n.4 e n.8

(11) *Id.*, *ibid.*, n.9 e n.10

(12) Ver o comentário de P. da SILVA, Luiz Ed., "*A encruzilhada da Igreja*", in CECA, Informação, Formação e Experiência, ano 4 (1993), n. 15 e 16, S.Leopoldo, RS, p.1-5

(13) O título original do livro é: *JESHUÁ, a Model for moderns*, Philadelphia, USA, 1988

(14) Evidentemente não estou recriminando Ed.Paulinas, absolutamente, por terem traduzido e publicado este livro. É,

aliás, um serviço que prestam aos nossos teólogos e estudantes de teologia, pois não se deve "tapar o sol com a peneira" nem, tampouco, "enterrar a cabeça na areia", como o(a) avestruz, para não enxergar os problemas. SWIDLER aborda muito bem o que ele chama de "mudança moderna de paradigma" (cf livro cit., p.148-150), ao falar da transição da noção estática, absoluta, monológica e exclusiva, da verdade, vigente até o final do século passado, para a noção desabsolutizada, dialógica, relativa, que temos hoje...

(15) Cf KONINGS, J., "*Encontro com o Quarto Evangelho*", Editora VOZES, 1975 (esgotado), p. 79-80

(16) A propósito, seria bom recordar aqui algumas insistências de Puebla: "A Sagrada Escritura deve ser a alma da evangelização. Mas não adquire só por si a clareza perfeita, devendo por isso ser lida e interpretada dentro da fé viva da Igreja" (*Puebla*, n.372). Mais. A Sagrada Escritura é a "fonte principal" da catequese, desde que "lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja" (*Puebla*, n. 1001).

(17) É sabido o problema do discernimento do que é "ideologia", uma vez que, no campo católico, tanto os "conservadores" acusam de ideologia (de esquerda) os "progressistas", como estes também acusam aqueles (de ideologia de direita)... A solução não parece a de cada um esconder-se na sua trincheira, mas de ambas as posições procurarem enriquecer-se mutuamente, desde que na mútua fidelidade à mesma Palavra de Deus e, em tudo, na mútua caridade.

(18) O reconhecimento dos "gêneros literários" e da necessidade de identificá-los e interpretá-los na leitura da Bíblia, foi uma das grandes novidades da encíclica "*Divino Afflante Spiritu*", de Pio XII, promulgada há exatamente 50 anos, em 1943. Com esse passo, lúcido e corajoso, que reafirmou a necessidade do método histórico-crítico, já admitido por Leão XIII na "*Providentissimus Deus*", em 1893, Pio XII abriu ainda mais para a Igreja Católica as portas da moderna interpretação da Escritura, mesmo correndo o risco de se perder aquela unidade aparentemente monolítica da interpretação "ao pé da letra". Costumo dizer a meus alunos que "a pedra começou a rolar", com essa medida corajosa, e não sabemos até onde irá a avalanche... Porque, admitindo-se os gêneros literários e, conseqüentemente, reconhecendo-se o problema hermenêutico, acabou-se a univocidade até das manifestações do Magistério e mesmo das fórmulas dogmáticas, todas devendo situar-se e interpretar-se no seu "*Sitz im Leben*".

(19) Cf MESTERS, C., "*Flor sem defesa*", Edit. VOZES, 1983, p. 24-29

(20) A propósito, chamo a atenção para o importante artigo de GEBARA, Ir.Ivone, "*Elas estão chegando... Uma leitura feminista dos textos de Santo Domingo*", in "*Vida Pastoral*" n.170, maio-junho de 1993, p. 17-23. É um artigo inteligente, bem fundamentado, que se apresenta explicitamente como "leitura feminista", elaborada por uma mulher, religiosa, católica(!). Os questionamentos que faz, porém, são tantos que, a certa altura, na p.22, ela se interroga: "E então? ... acabar com tudo? ...fechar nossos Seminários e Noviciados? ... negar o Magistério e a Tradição...?" E responde: "Estou absolutamente segura de que não é esse o caminho"... e pede, se entendendo bem, a mútua aceitação e humildade dos irmãos e irmãs que "sabem que não sabem"... - Confesso que, embora procurando entender, não sintonizei com as provocações da autora. Ela me responderá que provocar é preciso. Mas não sei onde fica aí a "obediência da

fé" (cf 2Cor 10,5 e Rm 1,5 e 16,26) nem, muito menos, a identidade católica e o amor à Igreja.

(21) Cf meus comentários às passagens anti-feministas do livro do Sirácida, in PEREIRA, N.B., "Sirácida ou Eclesiástico", Edit. Vozes/Sinodal/Metodista, 1992, p.128-134. Cf também meus artigos em números anteriores desta revista: "A mulher no Sirácida", in "Encontros Teológicos" n.3 (1987/1), p. 16-21 e "A mulher em Paulo", ibid., n.8 (1990/1), p. 5-9

(22) Exemplo desses frutos são as traduções e comentários ecumênicos da Bíblia, cada vez mais numerosos, na Europa e na América, entre os quais se deve citar a TOB, "Traduction Oecuménique de la Bible", lançada na França em 1972 (o NT) e 1975 (o AT), e cuja versão integral no Brasil se espera para este ano, nas Ed. LOYOLA, SP, com a sigla TEB (= Tradução Ecumênica da Bíblia). Há também no Brasil o trabalho ecumênico do CEBI, iniciado por Frei Carlos MESTERS, e as revistas bíblicas ecumênicas *Estudos bíblicos* e *RIBLA* (= Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana), ambas publicadas pela Editora VOZES, de Petrópolis. Eu mesmo, como presbítero católico, contribuí para o "Comentário Bíblico" ecumênico, ainda em fase de publicação, pelas Editoras Vozes/Sinodal/Metodista,

elaborando o comentário do "Sirácida ou Eclesiástico", lançado pelas VOZES em 1992.

(23) FELLER, V.G., "Promoção Humana no Documento de Santo Domingo", in "Vida Pastoral", n.170, maio-junho de 1993, p.13-16. A "estatística" se encontra na p.13

(24) No texto publicado por Ed. LOYOLA há um lapso, nesta passagem: em vez de "terra espaçosa" saiu "terra esperançosa". Isto, no n.7. Já no n.9, onde a expressão ocorre novamente, o texto está correto: "terra fértil e espaçosa".

(25) Cf ARTUSO, V., "Leitura popular da Bíblia no Brasil", in "Vivendo Santo Domingo", Instituto Paulo VI, Londrina, 1993, p.32-39. Ver, na p. 37, as "características da leitura popular", onde, ao falar do aspecto "comunitário" dessa leitura, não aparece explícita a referência à Tradição e ao Magistério, e se fala de uma "comunidade" em que "ninguém é dono absoluto do saber"...

Endereço do autor:

ITESC - caixa postal 5041  
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC

## SANTO DOMINGO - A DIMENSÃO LITÚRGICA

### COMUNICADO DA ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL

*Nota da Redação: Publicamos este "Comunicado" em nossa Revista, porque são seus co-autores Pe.Dr.Manoel João Francisco e Pe.Dr.Valter Maurício Goedert, ambos professores de Liturgia Sacramental em nosso Instituto*

Nós, membros da Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI), reunimo-nos em Assembléia, em Campo Grande, MS, de 1 a 5 de fevereiro do corrente ano. Aqui, em comunhão com a caminhada da Igreja na América Latina, compartilhamos experiências de vida, juntos celebramos o louvor do Senhor e procuramos animar-nos em nosso serviço de liturgistas. Neste sentido, dedicamo-nos a estudar o Documento da IVª Conferência Geral do Episcopado latino-americano em Santo Domingo e queremos repartir o que descobrimos em relação à Liturgia. Nossa opinião é que estes elementos podem contribuir para o crescimento das comunidades do povo de Deus em nosso país, apesar das tensões que marcaram a Conferência, tensões que, aliás, se refletem no próprio Documento.

### A Nova Evangelização deve dar um grande destaque à Liturgia

O Documento aborda o tema da Liturgia em cinco itens:

1. Liturgia e Nova Evangelização
2. Liturgia e Promoção Humana
3. Liturgia e Inculturação
4. Formação litúrgica
5. Outros temas

#### 1. LITURGIA E NOVA EVANGELIZAÇÃO

O Documento de Santo Domingo (SD) diz que a Nova Evangelização deve dar um grande destaque à Liturgia, porque nela Jesus Cristo, Evangelho do Pai, se faz presente hoje (n.35), juntamente com seu Espírito (n.43), com sua força transformadora e libertadora (n.34).

#### 1.1 Liturgia como presença e celebração do Mistério

"As formas da celebração litúrgica devem ser aptas para expressar o mistério que se celebra" (n.35)

"Promover uma liturgia viva na qual os fiéis se introduzam no Mistério" (n.152)

"É preciso desenvolver um estilo de celebração que integre a vida dos homens numa profunda experiência do insondável mistério divino, de riqueza inefável (cf n.156)

"Compreender e expressar o mistério de Deus e de Cristo" (n.36)

"A devoção ao mistério da Eucaristia..." (n.143)

Esse Mistério é o projeto salvífico do Pai, o mistério pascal de Jesus Cristo. "Ter em conta a presença viva de Cristo na celebração, seu valor pascal" (n.51)

#### 1.2 Liturgia e ação do Cristo total

Cabeça e membros (n.34): daí a importância da participação ativa da assembléia (nn. 51, 145, 294) e da promoção dos ministérios ordenados e leigos numa Igreja "toda ela ministerial" (cf n.142)

#### 1.3 Liturgia, cume e fonte de toda a ação da Igreja

Por isso a celebração não pode ser algo separado ou paralelo à vida (n.35), como será tratado no segundo item.

#### 1.4. Dupla vertente da Liturgia

Na Liturgia há uma dupla vertente (a glorificação de Deus e a redenção dos homens), que Santo Domingo traduziu nas